

Diálogo sobre a pedagogia da terra

por Moacir Gadotti e Paolo Vittoria

Resumo

O artigo nasce de um encontro entre Moacir Gadotti e Paolo Vittoria em Valencia em ocasião de um seminário internacional sobre “Paulo Freire e novos paradigmas de vida”. Entre os paradigmas emergentes certamente se apresenta a questão da eco-pedagogia ou Pedagogia da Terra, que é algo mais do que uma simples educação ambiental, porque envolve os temas da opressão política, do conflito social, da sustentabilidade não somente econômica, mas também cultural e social que deve ser buscada através de uma construção coletiva de saberes e ações.

Palavras chave: Ecopedagogia, Sustentabilidade, Ecologia, Diálogo, Terra.

Riassunto

Quest'articolo nasce da un incontro tra Moacir Gadotti e Paolo Vittoria a Valencia in occasione di un seminario internazionale su Paulo Freire e nuovi paradigmi di vita. Tra i paradigmi emergenti certamente cresce quello dell'ecopedagogia o Pedagogia della Terra che è qualcosa di più profondo di una semplice educazione ambientale, perché coinvolge i temi dell'oppressione politica, del conflitto sociale, della sostenibilità non solo economica, ma anche culturale cercata attraverso una costruzione collettiva dei saperi e azioni.

Parole chiave: Ecopedagogia, Sostenibilità, Ecologia, Dialogo, Terra.

INTRODUÇÃO¹

1. A era eco-tecnológica

As mudanças climáticas das últimas décadas disparam um alarme inquietante sobre a saúde do nosso planeta. A Terra mãe, que nos abriga e dá vida através dos seus equilíbrios atmosféricos, não está sustentando um modelo de desenvolvimento econômico que carrega consigo degradação, desigualdade e destruição ambiental. Na nossa época, chamada por muitos de “era tecnológica”, somos observadores e participantes, espectadores e atores de um “desenvolvi-

mento insustentável”, de um processo destrutivo dos equilíbrios biológicos. A partir da Revolução Industrial, com a mecanização do trabalho e a busca frenética de maior capital com o menor esforço, o modelo econômico capitalista acarretou em desequilíbrios ambientais, provocando uma profunda crise no sistema ecológico, ameaçando a própria sobrevivência do ser humano. As teorias econômicas foram criadas para produzir e acumular riquezas, sem se esforçar de respeitar o meio ambiente e distribuir os recursos de maneira equilibrada.

Vale a pena lembrar

que, se o modelo capitalista até agora se mostrou ineficaz para instituir uma sociedade respeitosa da natureza, tampouco o sistema do Socialismo real conseguiu valorizar a interdependência entre o ser humano e o ecossistema.

Enfrentamos um dilema: nos ater a esse tipo de desenvolvimento insustentável que contribui para a devastação da Terra, ou então abrir um novo capítulo da história, cooperando para um desenvolvimento sustentável e ecologicamente responsável.

Estamos diante de uma exigência que não pode ser mais ignorada: passar da era tecno-

lógica à era ecológica ou ecotecnológica.

2. A ecologia crítica

A saúde precária da Terra provoca a necessidade de mudar o nosso modo de agir e pensar reconhecendo a Terra como “nossa própria casa” ou nosso “endereço vital” (Gadotti, 2000). Arne Naess, filósofo norueguês, teórico da “deep ecology”, teorizou a categoria de ecologia profunda². Rompendo os velhos paradigmas antropocêntricos e biocêntricos da ecologia, abre seu discurso para o estudo da relação entre o ser humano e a Terra. O respeito pelo meio ambiente não se realiza sem respeito entre seres humanos: já que somos parte integrante do meio ambiente, somos parte integrante um dos outros. Ecologia profunda significa, então, profundo questionamento e reinvenção das relações humanas: sem mudar as relações, como poderíamos nos questionar sobre a sociedade que queremos? Como poderíamos contribuir para a preservação de um ecossistema vital? Como alcançar aquela forma de pensamento que o próprio Naess define como “Ecosofia” ou amor pela Terra? (Naess, 1994).

Leonardo Boff³, teólogo e filósofo brasileiro, expoente da Teologia da Libertação latino-americana, considera o discurso da ecologia social como inseparável do discurso da pobreza e da desigualdade

social. Ele vive o pensamento ecológico com uma inspiração mística e pensa ao ser humano como a uma das fases evolutivas da Terra, então como criação divina. (Boff, 1999)

Assumir a consciência de que pertencemos à Terra leva ao reconhecimento de que nossas ações diárias determinam o estado de saúde do planeta e de quem o habita. Estamos em uma relação dialética com a Terra, somos parte dela, mas não somos seu donos. A Terra é um organismo vivo que, como todos os organismos vivos, precisa de cuidados. Somos um processo biológico que faz parte desse organismo. Em suas manifestações, a Terra faz parte de nossa vida e de nosso corpo: a água que bebemos, o ar que respiramos, os produtos que cultivamos. Nossas ações individuais e coletivas repercutem permanentemente nos equilíbrios ambientais e também no nosso “estar no mundo”, nas nossas relações. Por isso, como expõem Francisco Guterrez e Cruz Prado no livro *Ecopedagogia e Cidadania planetária*, não podemos prescindir de uma eco-pedagogia ou de uma eco-informação (Gutierrez, Prado, 1999).

Daí vem a exigência de pensar em uma ecologia crítica para provocar, com uma inspiração político-pedagógica, a consciência ambiental do ser social. A ecologia crítica assume importância para superar a idéia tradicional da questão

ambiental como simples preservação de determinadas espécies animais e vegetais, querendo ao invés abranger, nesta preocupação, uma espécie que para nós é muito especial: o gênero humano.

Com isso, surge a necessidade de repensar a cidadania em termos planetários acabando com as fronteiras culturais e aprendendo processos dialógicos entre as diferentes etnias, línguas, religiões e crenças (Morin, 2001). A cidadania planetária ou eco-planetária afirma a idéia que o gênero humano deve se preparar para construir um desenvolvimento sustentável, capaz de buscar equilíbrios com a biosfera, evitando entrar em choque com ela, valorizando o diálogo entre as culturas. A ecologia crítica nos ensina a viver a Terra como um planeta vivo que nos pertence e ao qual nos pertencemos: “nossa casa” e “nossa mãe”. Pensa numa nova forma de cidadania, sublinhando o peso determinante das nossas ações na luta para a sobrevivência da Terra e da comunidade humana que a habita e da qual faz parte. Trata-se de uma ecologia ou eco-pedagogia que, ao se estruturar como comunitária e participativa, nos ensina a respeitar o ambiente a partir do respeito pelo ser humano e vice-versa.

3. Aprender a Terra

O conceito de eco-peda-

gogia é teorizado por Moacir Gadotti de forma profunda e clara em seu livro “Pedagogia da Terra” (Gadotti, 2000). Ele observa a Terra, nas suas manifestações e provocações, a partir de uma perspectiva político-educacional e considera que, para compreender o ser humano, precisamos aprender as linguagens da Terra, suas formas de comunicação, seu viver biológico.

A Pedagogia da Terra se propõe como instrumento de compreensão de um dado fundamental: a reciprocidade das relações do ser humano com o próprio planeta. Ao oprimir a Terra também nos oprimimos, ao libertá-la, também nós libertamos, buscando um processo de educação para a cidadania participativa e responsável.

A perspectiva filosófica, a sensibilidade política das questões eco-pedagógicas fazem parte de um movimento mais amplo de idéias e ações que começou surgir na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), realizada em junho de 1992 no Rio de Janeiro. Evento que produziu vários documentos e manifestos, inclusive a Carta da Terra⁴, da qual Gadotti foi um dos redatores e interpretes.

A Pedagogia da Terra ressalta como o ser humano, sendo oprimido pela pobreza, pela violência, pela desigualdade, acaba oprimindo a Terra. A alteração dos ritmos naturais, a poluição da água, a deteri-

orização do solo, assim como o ritmo frenético de uma vida que está cada vez mais inadequada à sustentabilidade de nossos corpos e nossas mentes, determina o afastamento do sentimento de pertencer à natureza. Quer dizer, a opressão cria alienação e viceversa.

Gadotti propõe, então, uma reflexão séria, crítica e participativa sobre as possibilidades e os limites da educação para uma libertação não somente no sentido político-social, mas também na sua evolução mais complexa e profunda, a ecológica. A Pedagogia da Terra manifesta-se como uma evolução da Pedagogia do Oprimido, porque como o próprio Gadotti ressalta no seguinte diálogo, “hoje a Terra é a grande oprimida”.

DIÁLOGO

Paolo: O tema da Pedagogia da Terra é cada vez mais atual, levando em consideração as alterações dos equilíbrios biológicos do nosso planeta, ameaçado pela irresponsabilidade da espécie humana. As pesquisas, que revelam o estado debilitado em que se encontra o nosso planeta Terra, podem levar à consequências pouco concretas de mudanças de ações, se não abrimos um profundo percurso educativo que nos leve a refletir sobre nossas atitudes com relação ao desequilíbrio ambiental. Este é um dos princípios básicos da Pedagogia da Terra.

Como surgiu em você, amigo de Paulo Freire e admirador da sua obra, a exigência de abordar o assunto da eco-pedagogia?

Moacir: A discussão começou quando Francisco Gutierrez, um dos fundadores do Instituto Paulo Freire, e eu mostramos a Paulo Freire um estudo sobre a Pedagogia do Desenvolvimento Sustentável, escrito por Francisco para o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio-Ambiente). Discutimos o assunto e Paulo começou a falar sobre a “eco-pedagogia”, que é mais do que uma pedagogia para o desenvolvimento sustentável.

Logo demos início a uma reflexão sobre o tema da eco-pedagogia, porque “eco” e “Terra” são a mesma coisa. Raciocinando sobre a “planetarização”, que é aquele paradigma que pensa a Terra como uma comunidade única, achei apropriado reconsiderá-la como Pedagogia da Terra, em consideração de uma cidadania que não seja só ecológica, mas também planetária. Paulo Freire propôs começar a escrever sobre esse assunto, com a intenção de compor um livro. Na verdade, ele iniciou a escrever um artigo que foi publicado no livro “Pedagogia da Indignação”, editado após sua morte, graças ao trabalho de sua esposa, Nita. Neste livro, Nita inclui um texto incompleto de Paulo, onde ele aborda o tema da ecologia (Freire, 2005): trata-se da “Terceira Carta: do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio pataxó”.

A intenção de Paulo era escrever sobre ecologia, justiça social, justiça ecológica, direitos da Terra, direitos humanos, antes mesmo de tratar de pedagogia. Deveria ser a base para preparar um livro sobre o assunto. Foi o desejo dele, mas não teve tempo de terminar. Começou em fins de 1996 e morreu em maio de 1997. Uma pena: poderia ter sido uma contribuição importantíssima nas discussões atuais sobre desenvolvimento sustentável, educação ecológica e educação ambiental, que faz parte da consciência humana de ser cidadãos de um único planeta.

No Instituto Paulo Freire continuamos a aprofundar os temas relativos à ecopedagogia, ou Pedagogia da Terra, a partir das reflexões de Paulo Freire na “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 2006). A Terra é uma grande oprimida. A origem dessa opressão

está nas questões ecológicas e ambientais. Nas bombas jogadas nos territórios iraquianos e afegãos, que destroem a Terra e minam o solo. Isto não é mais sustentável. O que Israel faz com o Líbano é minar e destruir, matar. É só pensar que algumas minas explodiram quando os próprios soldados israelenses pisaram o solo. Isto é destruir vidas humanas, maltratar a Terra e desprezar o amor por ela. Os teóricos e governantes da “guerra preventiva”, como Bush e Condoleezza Rice, foram governantes que não tiveram nenhum amor pela Terra, assim como pelos homens e pelas mulheres.

A Terra é um organismo vivo que está em evolução, e nós somos parte deste organismo. Ao fazer mal à Terra, estamos fazendo mal a nós mesmos. Se limpamos o ar, limpamos nossos pulmões. Se limpamos a água, limpamos nosso corpo, já que somos 70% feitos de água. Nosso corpo tem sais minerais que vem da Terra. Nossa alimentação vem dela e, ao poluir a Terra, nós nos poluímos, porque somos parte dela. Acho que qualquer pedagogia dos oprimidos deve considerar a Terra como oprimida. Paulo Freire queria elaborar essa idéia.

Acredito que as divisões e as fronteiras que foram impostas pela História, um dia terão fim, porque somos uma raça única, um povo único e somos cidadãos dessa pátria Terra. Na verdade, seria mais correto chamá-la de “mátria”, porque a terra é mãe de todos nós, é a nossa mãe.

Paolo: Moacir, a perspectiva de uma cidadania eco-planetária considera uma superação das divisões e das fronteiras nacio-nais. Todavia, as diferenças não podem desaparecer... elas são um valor! Neste sentido, a Pedagogia da Terra é também uma Pedagogia de Diferenças?

Moacir: Gostei muito dessa pergunta: acho que a sociedade é única e diferente. Nós, enquanto espécie humana, somos únicos na nossa inteligência e na nossa consciência. As condições e os equilíbrios ambientais que geraram vida inteligente são raras e isso mostra a unicidade do nosso planeta.

Sobre esse tema foi escrito um livro – Rare Earth (Terra Rara), por Peter Ward e Donald Brownlee: os autores acham muito improvável a criação de uma vida inteligente e consciente em outros planetas e isso nos faz refletir sobre as qualidades únicas e preciosas do planeta Terra que oferece as condições de vida para a espécie humana. Por este motivo, a responsabilidade do ser humano em relação ao universo conhecido é muito grande. Acredito que exista algo em comum a todas as culturas. Quando o ser humano não é capaz de reconhecer algo de comum nas diversidades, a única alternativa é o conflito entre as diferenças.

Ao contrário, as diferenças deveriam ser valorizadas. Não

devem ser apenas reconhecidas e respeitadas, mas consideradas como a grande riqueza da humanidade. As diferenças, a subjetividade e a individualidade pressupõem a existência de alguma coisa comum, que está na própria natureza do ser humano. As diferenças existem porque o ser humano é diferente. A Humanidade, a maneira com que vivemos a existência, não deve ser única no sentido de homologada, mas única no sentido de aberta para as diferenças. Nessa contradição reside o equívoco desastroso daqueles paradigmas clássicos que procuram uma teoria absoluta para explicar tudo, quando uma teoria única não pode explicar o mundo globalizado, o mundo das diferenças, assim como não há um paradigma que possa resolver o problema da produtividade econômica.

É necessário dar começo a uma reflexão profunda e continuada sobre a diversidade humana nas produções e reproduções da existência. Penso que a homologação não seja só uma consequência do capitalismo, mas também um erro dos socialistas clássicos, aqueles da escola dos marxistas-leninistas que pensavam em submeter o ser humano a um modelo único de produção. Na verdade, esse modelo de produção leva também ao risco de um modo de vida homologado de pessoas que tem o direito de ser felizes naquilo que fazem. O ser humano não é homologável em uma única forma de produção.

Enfim, sua pergunta é muito importante exatamente porque rompe com os paradigmas clássicos, revalidando a importância das diferenças e acho que a educação pode formar algumas pré-condições para que isso aconteça. Valorizar as diferenças não é a mesma coisa que tolerá-las. A tolerância não é o suficiente, devemos dar um passo à frente, valorizar o ser humano.

A educação para a diferença não pode ser um projeto improvisado individualmente por um professor na escola, mas deve fazer parte de projetos eco-políticos-pedagógicos da escola, pensados de uma forma coletiva. A educação para a diferença deve fazer parte das políticas públicas para a educação, já que não pode ser um tema improvisado, um "algo mais", um apêndice. Deve assumir uma importância central. Reconhecer a diferença implica em encorajar a inclusão: inclusão com identidade própria.

Não se trata de inclusão em um projeto já existente, mas de um projeto que deve ser construído em conjunto, a partir de um conceito fundamental: a existência das diferenças como ponto central das políticas públicas.

Acho que os Estados-Nações foram criados com o intuito de unificar as diferenças. A unificação dos estados criou sistemas educativos que estão aptos a acabar com as diferenças. Isto aconte-

teceu na Itália e na Alemanha. Esses sistemas educacionais estiveram ou ainda poderiam estar em crise, se não levassem em consideração o processo de construção artificial que caracterizou a unificação política.

O tema das diferenças, da subjetividade e da cultura requer uma mudança no sistema. Há uma necessidade de confrontar as diferenças com a universalidade. A Pedagogia da Terra está baseada, por um lado, na idéia de que a Terra é uma nação única e mãe de todos nós e, por outro lado, na concepção que seus filhos são diferentes entre si. A “Terra Mãe” não rejeita um filho por ser alto ou baixo, magro ou gordo, feio ou bonito, louro ou moreno. Quero dizer que a Terra, por sua própria natureza, aceita a riqueza das diferenças, integrando-as. O importante é integrar. A condição mais justa é colocar as diferenças em sintonia.

Paolo: Se a Terra é mãe de todos nós, seres diferentes ... enquanto filhos dela devemos aprender a respeitá-la. O respeito passa pelo conhecimento e acredito que o medo seja um dos maiores limites ao conhecimento livre. Paulo Freire, na “Pedagogia do oprimido” (Freire, 2002), se aprofunda no tema do medo da liberdade, e em “Professora sim, tia não” (Freire, 2002) faz uma análise sobre o medo do difícil. Para “ser mais”, precisamos reconhecer nossos medos e superá-los.

Você acredita que existem medos na aproximação com a mãe Terra, no sentido de medo do diferente, de intolerância e racismo. Existe um medo, às vezes irracional, que impedindo o conhecimento do outro, impede também uma relação profunda com a Terra?

Moacir: Paolo, essa também é uma pergunta bem interessante. O ser humano sempre conviveu com o medo. Medo do sol, da lua, dos raios, da floresta, da escuridão, mas através daquele processo que, em termos freireanos, chamamos de humanização, podemos tentar superar os medos. Graças a processos cognitivos e experienciais, poderíamos aprofundar uma relação antropológica com a Terra. O vínculo do ser humano com a Terra é ancestral.

A Terra é um arquétipo. Sempre tivemos medos ancestrais. Acho que a história da psicanálise mostra quanto de medo conservamos desde a era tribal. Os medos dos seres humanos vêm dos primórdios da Humanidade. Muitas vezes os medos e as raivas estão no inconsciente.

Acho que o medo é uma criação dos adultos: são as crianças que nos mostram que pode haver uma ligação mais livre com a Terra. Elas brincam na terra, com a terra, tem um contato mais próximo com ela. São capazes de criar milhares de objetos, inventar mil coisas. Nós, adultos, estamos convencidos de que a terra seja suja, mesmo quando não é, e afastamos as crianças do

contato com ela. Desta forma elas acabam pensando que a terra está sempre suja. Somos objetos de um conceito abstrato da terra em geral.

Historicamente, os medos são superáveis através do conhecimento. Nos aproximamos das árvores, do sol, do fogo, através do conhecimento desses elementos. A Pedagogia da Terra nos leva a aprofundar o conhecimento dos elementos da natureza, não com a intenção de manipulá-los, mas para termos uma comunicação profunda com esses elementos, buscando uma perfeita sintonia com eles.

No Brasil há uma planta muito comum, que muitas vezes é cultivada em casa. Ela é sensível à música, precisa de sombra, mas procura a luz. Como qualquer outra planta, precisa de cuidados. As plantas gostam de ser cuidadas e cheiradas. Nossa maneira de agir não é indiferente às plantas, da mesma forma que não o é a qualquer outro elemento da natureza. É por essa razão que, quando o ser humano se distancia da Terra e se separa dela, acaba se distanciando de si mesmo. Como eu disse antes, o ser humano é parte da Terra. Qualquer distanciamento dela e do meio ambiente é um afastamento dos outros seres humanos, é uma alienação. Pesquisas empíricas no campo das ciências ambientais mostram como a degradação do ambiente provoca relações sociais degradantes, favorece a deterioração das relações interpessoais. Há uma relação direta entre a degradação do meio ambiente e a degradação dos seres humanos.

Eu, pessoalmente, acredito que o conhecimento e a consciência representam um meio de aproximação ao meio ambiente assim como a sensibilidade, que é uma forma importante para superação do medo. Os medos que temos de elementos da natureza estão intimamente ligados ao medo que temos de outros seres humanos. Por exemplo: o medo da aproximação entre cristãos e islâmicos, ou de se aproximar a outras culturas religiosas ou espirituais diferentes. Temos medo do desconhecido.

Alceu Amoroso Lima, estudioso e ensaísta brasileiro que morreu em 1983 citado por Paulo Freire em seus primeiros textos, nas suas últimas palavras diz: "É uma grata surpresa da vida... os homens são melhores do que eu pensava...". Na época a escritura de gênero não era muito comum, já que se utilizava a palavra "homens" para designar os "seres humanos" em sentido amplo, isto é, "as mulheres e os homens". Devemos acreditar no ser humano, ter esperança e também acreditar na sua capacidade de resolver problemas. Se nós, seres humanos, não resolvemos nossos problemas, não é por causa da natureza e das teorias imperfeitas, mas porque não vemos as possibilidades que temos para construir um belo caminho de vida, aberto a todos. Ainda somos fruto do egoísmo que domina nossa cultura, do egocen-

trismo. Queremos sempre impor nossos valores. Isso pode ser desastroso, como já foi provado historicamente. O eurocentrismo da colonização levou à destruição de mais de mil idiomas e das culturas indígenas no Brasil. Havia 5 ou 6 milhões de índios, hoje são 200 ou 300 mil. A colonização “anulou” as culturas indígenas na América Latina. Tantas etnias diversas erroneamente chamadas de indígenas...

A arrogância eurocêntrica da colonização comparava os indígenas com animais. As primeiras imagens dos índios feitas pelos pintores europeus do século XVI os mostrava em fila, com rabo. Eram afigurados como animais, quando, nas culturas de origem, eles eram perfeitamente respeitados.

O Ocidente, apesar de ter sido herdeiro de uma grande cultura clássica, criou a escravidão. Foi uma civilização que achava que a escravidão era uma coisa natural. Era normal que os negros fossem escravos. Somos fruto das nossas culturas e todas as culturas têm seus medos. No fundo, temos uma tendência a defender nossos valores porque temos medo um dos outros, temos medo do diferente. Medo dos imigrantes, medo do novo e conseqüentemente, nossa sociedade nem sempre dá abertura aos outros. Não considera o outro como eu.

O medo é superável quando considero o outro como parte de mim. A mesma coisa acontece nos confrontos da natureza. Nós a consideramos como se ela não fizesse parte de nós, e é por isso que a tememos.

Paolo: Na Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire evidenciou como o oprimido, interiorizando a imagem do opressor acaba sendo, ao mesmo tempo, oprimido e opressor e até quando ele não reconhece essa dualidade, qualquer forma de libertação será difícil (Freire, 2006). Acredito que haja uma interdependência entre as opressões humanas e as opressões da Terra. O ser oprimido oprime a Terra. As violências da sociedade se repercutem no meio ambiente. Cada ação provoca uma reação nos ecossistemas. Estamos numa relação dialética com a natureza. Mas ainda é necessária uma consciência coletiva desta correspondência dialética e comunicativa. Mesmo estando em uma relação de reciprocidade com a Terra, não nos comunicamos, não dialogamos com a natureza, não a consideramos como uma interlocutora autêntica e indispensável. Este é um dos motivos do medo da diversidade...

Moacir: É verdade, Paolo: a Pedagogia da Terra deve ser a pedagogia da ação comunicativa com ela. Herbert Marcuse, em “O homem a uma dimensão” (Marcuse, 1999), propõe uma teoria do conhecimento baseada na ação comunicativa com a Terra. Considero Marcuse como um dos precursores da “Pedagogia da

Terra". Admiro muito ele e acho que ainda não foi completamente descoberto. O leio como um filósofo da natureza, filósofo crítico, filósofo das ciências sociais. Marcuse, ao tratar a questão da ação comunicativa com a Terra, tende a reconstruir a relação com a natureza.

Estamos em guerra com a Terra. A relação com a Terra é percebida no ser humano como um ato de dominação. O estado de saúde da Terra mostra como seja evidente essa relação de dominação.

Herbert Marcuse mostra a necessidade de construir uma relação de amor com a Terra. Ele acredita em uma ciência que não tenha tendência a especular sobre ela, mas se esforce para conhecê-la. De acordo com a expressão de Marcuse, a base é "ter uma relação fraterna" com a Terra. Em um autor clássico da sociologia, da política e da filosofia encontrei inspiração para uma filosofia ecológica anterior ao nascimento dos movimentos ecológico, que começou nos anos 70. A primeira reunião sobre as questões ecológicas aconteceu em Estocolmo, em 1972. Outro momento importante foi em 1992, quando foi organizado o encontro no Rio de Janeiro (ECO92). Nos anos 90 surgiu uma reflexão social sobre a consciência ecológica.

Marcuse apresentou, nos anos 60, suas idéias sobre uma relação alternativa com a Terra, numa época em que poucos falavam desse assunto. Antes de Marcuse, Pierre Teilhard de Chardin, um grande escritor francês, escreveu um hino sobre esse tema. Ele foi perseguido por causa do seu pensamento materialista. Era um teólogo que tinha uma visão mística da Terra: pensava nela como o corpo místico de Cristo. Divinizava a Terra e a matéria, falando de um cristo-centrismo onde a Terra era o espaço de unidade dos seres humanos. Apesar de ter uma visão mística da Terra, seu pensamento apresenta características ecológicas.

Ele também pode ser considerado como um precursor do pensamento ecológico: Marcuse como filósofo e Cradin como teólogo. Outra referência literária importante está na obra e no pensamento de Paulo Freire, por motivos já ditos anteriormente. À luz da filosofia educativa exposta na "Pedagogia do Oprimido", pode-se intuir que a Terra seja uma grande oprimida. Leonardo Boff, teólogo da libertação, é outro grande pensador da questão ecológica.

Todos eles criaram perspectivas singulares sobre um tema comum e estou contente por viver esse momento histórico, porque acho que estamos criando uma pluralidade de paradigmas que não são prisioneiros de um paradigma único. Essa é a abertura do ser humano: a capacidade de se perguntar sempre e ser curioso **N**

NOTAS:

1 A introdução e as notas são de autoria de Paolo Vittoria.

2 A "ecologia profunda" de Arne Naess (1912-2009) contradiz a visão da "ecologia superficial" que focaliza a consciência ecológica sobre o ser humano ou sobre a Terra. Naess convida a pensar a ecologia a partir da relação do ser humano com o ambiente natural, repensando esta relação também através de fatores espirituais. Suas obras polemizam com as visões da Terra como lugar de uso de recursos comerciais e pensam a ecologia nos seus valores éticos.

3 Leonardo Boff, enfrentando o discurso da degradação da natureza, faz uma crítica muito dura ao sistema capitalista que transforma a natureza em "recursos naturais", matéria prima em disponibilidade dos interesses econômicos e os seres humanos em "recursos humanos", ou seja, unidades de material disponível para alcançar a meta de produção. Assim, o capitalismo altera a relação do ser humano com a natureza em função dos interesses econômicos e de produção.

4 www.cartadaterra.com.br

REFERÊNCIAS:

- BOFF, L., *Grido della Terra, grido dei poveri*, Assisi: Cittadella, 2004.
- FREIRE, P., *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, São Paulo: Olho d'água, 1992.
- FREIRE, P., *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (Ana Maria Freire org.), São Paulo: Unesp, 2000.
- FREIRE, P., *A pedagogia do oprimido*, São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GADOTTI, M., *Pedagogia da Terra*, São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GUTIERREZ F., Prado, C., *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*. São Paulo: Cortez, 1999
- MORIN, E., *I sette saperi necessari all'educazione del futuro*, Milano: Raffaello Cortina, 2001
- NAESS, A., *Ecosofia*, Como: Red, 1994.
- WARD, P. e Brownlee, D. *Rare Earth: Why Complex Life is Uncommon in the Universe*, New York: Copernicus, 2000.